

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Amigo é para essas coisas: o MAU e a Televisão

Eduardo H. M. L. de Scoville*

Resumo: O trabalho apresenta uma breve discussão sobre o Movimento Artístico Universitário (MAU) e a sua relação com a televisão. O MAU vêm à luz através dos Festivais Universitários da Tupi. Com o impacto das apresentações de Ivan Lins e Luiz Gonzaga Jr. no *V FIC* da TV Globo, o MAU consegue popularidade. Com isso, a Rede Globo, buscando reviver o gênero musical na televisão brasileira, capitaliza a repercussão do MAU através do programa *Som Livre Exportação*, que propiciou não somente notoriedade para Ivan Lins como também contribuiu para o fim do MAU.

Palavras-chave: Música Brasileira – Televisão - Movimento Artístico Universitário.

Abstract: The essay shows a brief discussion about the MAU (Artistic University Movement), and its connection with the television media. MAU starts at the Tupi's University Festivals. With the impact caused by the performances of Ivan Lins and Luis Gonzaga Jr. at the the V FIC of Globo TV, the MAU reaches its popularity. At this point, Globo TV Net, trying to revive the musical genre on brazilian TV, uses the repercussion of MAU, in the *Som Livre Exportação* (Export Free Sound) program, that helped enhance the notoriety of Ivan Lins, but also contributed to end of MAU.

Keywords: Brazilian Music - Television Media - Artistic University Movement.

A televisão, uma “janela do mundo”, de acordo com FRITH (2002, p. 279), reflete o que acontece ao seu redor. Tal como uma “janela do mundo”, os festivais desvendaram para a grande audiência, uma série de movimentos musicais que ocorriam na década de 1960. O Movimento Artístico Universitário (MAU) vem à luz através dos Festivais Universitários da Tupi. Surgido na década de 1960, o MAU tinha como finalidade, a união de alguns compositores universitários, pois facilitaria a divulgação de suas obras. Os componentes do MAU buscaram passar para o público um sentido de unidade, no entanto, havia diferenças nos estilos musicais e no discurso entre os seus componentes. Após a sua larga exposição no *V FIC* da TV Globo, a emissora, na tentativa de reviver o gênero musical na televisão brasileira, capitaliza a repercussão do MAU através da criação de um novo programa: “*Som Livre Exportação*”.

* Bacharel em Ciências Econômicas, UFPR. Mestre em Sociologia, UFPR. Doutorando em História, UFPR. Professor da UNIFAE, Curitiba, Paraná.

Deve-se salientar que a televisão faz parte de uma indústria que remodela e intensifica os ciclos mercadológicos. Desde os anos de 1950, a televisão promoveu programas direcionados à determinadas correntes musicais que estavam em evidência. Os títulos dos enfatizavam bem os ciclos mercadológicos: “*Jovem Guarda*”; “*Divino, Maravilhoso*”, “*O Fino da Bossa*”, etc. Tal situação evoca as considerações de MORIN (1997), que verificou o processo de recriação que a indústria cultural necessita para a sua própria renovação. A indústria trabalha com as subculturas, que se tornam segmentos de mercado e elemento para a formação de tais ciclos que, periodicamente, se esgotam, conforme PETERSON, BERGER (1990). Como isso, de acordo com FRITH (2002), a televisão não criou diretamente as subculturas. Ela simplesmente as divulgou.

Portanto, percebe-se que o MAU, foi exposto através dos festivais, fenômeno televisivo tipicamente brasileiro. Após, foi capitalizado pela TV Globo, que acabou por focar basicamente Ivan Lins, membro que melhor se adaptou ao formato da televisão e da indústria fonográfica. Com isso, o presente trabalho objetiva apresentar uma pequena discussão sobre a trajetória do MAU e como este se relacionou com a televisão no período de 1969 a 1971.

O MAU inicia-se por volta de 1965 na casa do psiquiatra Aluizio Porto Carreiro de Miranda, localizada na Rua Jaceguai, na Tijuca (RJ). Nas sextas-feiras, reuniam-se músicos da velha guarda e da “nova geração”, que mostravam suas composições uns para os outros. Integravam o MAU, na época ainda universitários, Luiz Gonzaga Jr., Aldir Blanc, Ivan Lins, César Costa Filho, Sílvio da Silva Júnior, Cláudio Cartier, Ruy Maurity, Sidney Mattos, entre outros.¹

Aldir Blanc e Sílvio da Silva Junior, autores de “*Amigo é para essas coisas*”, notória na interpretação do grupo MPB 4 e 2º lugar no Festival Universitário da Tupi de 1970, denominaram a canção como a síntese do MAU. A letra relata uma conversa entre dois amigos em um bar. Um dos amigos comenta o fim de sua relação amorosa e sua dificuldade financeira. Outro afirma que Deus não foi bom com ele mas teve sorte com a sua companheira Beatriz. Apesar dos diferentes caminhos, a amizade dos personagens permanece sólida, não importando o dinheiro, já que “o apreço não tem preço”. Se a canção é uma síntese de MAU, então o verso “todo amor um dia chega ao fim” serviu como um “prenúncio”, pois o “apreço” teve o seu “preço”.

¹ Costumavam também aparecer nas reuniões Nelson Panicali, Eduardo Lages, Dominginhos, Paulo Assis Brasil, Rolando Begonha Faria, Lucinha Lins, Célia Vaz, Léa Penteadó, Ana Maria Bahiana e Adilson Godoy. Cartola, Milton Nascimento, Guinga, Néelson Cavaquinho, Donga, Jackson do Pandeiro, João do Vale, Emílio Santiago, Ney Matogrosso, João Bosco e Clementina de Jesus também chegaram a participar destas reuniões.

O MAU raiou a partir dos festivais universitários promovidos pela TV Tupi. Em 1968, a emissora era líder de audiência em programas de auditório e na teledramaturgia. Tentando aproveitar o interesse por festivais, ela resolveu fazer o seu. Segundo NAPOLITANO (2001, p. 306), o formato, que servia como elemento de sondagem para a indústria fonográfica, já estava saturado, por isso escolheu o “nicho” universitário, que era o principal criador e consumidor da música brasileira.

Desde o início, as composições dos membros do MAU não estavam presas a um estilo fixo, ou seja, havia uma independência entre os seus membros tanto nos campos da estética quanto da política. No I Festival Universitário da Canção Popular da Tupi, as 3 canções classificadas dos membros do MAU refletiram esta diferença. A toada “*Pobreza por Pobreza*” (Gonzaguinha), continha todos os principais elementos da canção de protesto, pois tratava das dificuldades do sertanejo nordestino. Já “*Meu Tamborim*” (César Costa Filho e Ronaldo Monteiro dos Santos), seguiu uma linha mais tradicional do samba, conseguindo o 3º lugar. Ivan Lins e Waldemar Correia dos Santos obtiveram o 5º lugar com “*Até o Amanhecer*”, defendida por Ciro Monteiro. Um partido alto que se limitou ao festival e mostrava os primeiros trabalhos de Ivan Lins antes de ser influenciado pela *Soul Music* de Thelma Houston.

Apesar das 4 edições do festival da Tupi (1968-1971) obterem pouca penetração popular e serem alvo de comentários que questionavam a qualidade musical dos mesmos, o seu papel para a divulgação dos membros do MAU foi vital. Na segunda edição, Gonzaguinha obteve a primeira colocação com “*O Trem*”, uma toada de protesto que retrata o sofrimento dos trabalhadores rurais e urbanos e dos desempregados, mas que enfrentou uma vaia estrondosa quando foi anunciada como a vencedora.

Ainda em 1969, no IV Festival Internacional da Canção, realizado pela Rede Globo, Silvio da Silva Jr. e Aldir Blanc concorreram com “*Serra Acima*”, interpretada pelos Três Morais, que chegou à final. Todavia, César Costa Filho conquistou o 3º lugar com “*Visão Geral*”, composta em parceria com Ruy Maurity e Ronaldo Monteiro de Souza. Tal composição utilizou a “linguagem de fresta”, aquela de que se vale o compositor popular para habilmente driblar a censura imposta pelo regime, de acordo com VASCONCELLOS (1977), nos versos: “A rosa prosa bela/vem na primavera/e o jornal da tela/noticia a guerra” e “A noite vira dia/no claro da luta/veja se me escuta/olha a sua rua/ que a verdade nua e crua/um dia vai chegar”.

De certa forma, Aldir Blanc e César Costa Filho apontaram para os outros membros do MAU, a principal vitrine para os seus trabalhos: o FIC. Desentendimentos entre

os membros do MAU e a direção da Tupi já ocorriam desde a primeira edição do festival. Ivan Lins, Gonzaguinha, Aldir Blanc e César Costa Filho, que assumiram o cargo de porta-vozes do MAU, chegaram a afirmar que os festivais da Tupi não eram universitários, e sim apenas eventos televisivos. (SOMBRA,1970, p. 18)

Além do *Soul* e do *Pop*, a grande sensação do *V FIC* foi o MAU. Premiados com o 2º lugar (“*O Amor é o Meu País*”, de Ivan Lins e Ronaldo Monteiro de Souza) e com 4º lugar (“*Um Abraço Terno em Você, viu Mãe*” de Gonzaguinha) e da classificação de “*Diva*” (Aldir Blanc e César Costa Filho), o MAU chamou a atenção da TV Globo e das gravadoras.

A imagem do MAU, finalmente fixada através do *V FIC*, que vem ao grande público na segunda metade de 1970, é a de um grupo de jovens cariocas universitários, vestidos com jaquetas azuis, uma espécie de “uniforme” que sugeria unidade, mas com estilos musicais muito diferentes. Porém, depois do *V FIC*, a atenção do público e da imprensa voltou-se mais para Ivan Lins.

A participação de Ivan Lins no *V FIC* havia provocado uma grande polêmica, pois a canção “*O Amor é o Meu País*” foi considerada “entreguista” pelos universitários de esquerda. Houve uma relação paradoxal entre o público universitário, que não a diferia de “*Eu Te Amo Meu Brasil*” (Dom), e a grande audiência, que a acolheu em um momento de ufanismo, pois a canção recebeu uma atenção muito particular por parte das estações de rádio.

Os compositores do MAU se pronunciaram contra a interpretação dos que viam um teor nacionalista na letra. Ivan Lins declarou que muitos do júri, que tinham elogiado a composição, depois da vitória do selecionado brasileiro na copa do mundo de futebol de 1970, mudaram de opinião e o acusaram de “adesista”:

A música foi composta em janeiro de 1970, inscrita a seguir no festival, classificada antes da Copa do Mundo que o Brasil venceria. O jornal O Globo publicou um comentário crítico sobre as 30 classificadas. Os comentários foram elogiosos. Lembro-me que o jornalista Júlio Hungria era um dos comentaristas. Ai veio a Copa e o governo usou a vitória como propaganda política. O mesmo Júlio Hungria que havia elogiado passou criticar a música. Nos shows do MAU, antes que eu cantasse O Amor É o meu País, o Aldir Blanc ia ao microfone e dizia: Isso que estão fazendo é molecagem com o Ivan, a música é linda e não está elogiando a ditadura, prestem atenção. (DIAS,1997, s.p.)

Por outro lado, Gonzaguinha conseguiu uma maior simpatia do público universitário com a sua canção “*Um abraço terno em você, viu mãe*”. O compositor construiu uma narrativa que confronta o progresso na cidade grande e a realidade do sertanejo. Tal canção fixou ainda mais a sua imagem de cantor de protesto.

Com o sucesso do *V FIC* e do MAU, rapidamente a Rede Globo tentou recuperar o gênero musical na televisão brasileira, que estava desgastado desde o final da década de 1960. A nova empreitada global, se chamaria “*Som Livre Exportação*”, com a produção e direção de Solano Ribeiro, Walter Lacet e Eduardo Athayde.

A repercussão do *V FIC* permitiu a Rede Globo “capitalizar”, mesmo que por um “breve” momento, os resultados do evento, pois o “*Som Livre Exportação*” durou apenas 9 meses. A atração, ao mesmo tempo em que impulsionou a carreira de Ivan Lins por um período e auxiliou na reformulação da imagem de Elis Regina,² também foi um dos principais elementos para a dissolução do MAU.

A cooptação do MAU por parte da Rede Globo, possuía tanto o intuito comercial quanto político, segundo Ivan Lins, pois o programa fitava também a desarticulação da juventude do período.

O MAU, todo egresso da Jaceguai, tinha um uniforme, um colete azul. A Globo ficou impressionada: pareceu aos diretores que era a primeira coisa com cara de "grupo" desde a Tropicália. Bom, a Globo havia cooptado gente que havia militado em política de esquerda, como o Solano Ribeiro, por exemplo, que tinha experiência de organizar os festivais da TV Record, em São Paulo. Íamos lá para conversar sobre o programa e "eles" nos mostravam filmes sobre a invasão da Checoslováquia, a Hungria... e diziam: "Precisamos fazer um programa revolucionário." Estavam usando-nos, já que representávamos uma facção que incomodava o governo. (DIAS,1997, s.p.)

Apesar da declaração de Ivan Lins, deve-se relevar que a relação indústria fonográfica e a televisão foi muito importante na idealização do programa, pois o MAU parecia um movimento que mais se assemelhava com a “tropicália”, e assim, poderia promover um novo ciclo mercadológico.

Em 03 de dezembro de 1970, “*Som Livre Exportação*” estreava no horário nobre das quintas-feiras. A atração, inicialmente, se apoiaria no MAU e em novos nomes, apresentando por vez ou outra, nomes consagrados como Chico Buarque e Toquinho & Vinícius. Além disso, tinha como intuito a exportação da música brasileira. Contudo, os índices de audiência dos 4 primeiros programas (média de 38,7% na cidade do Rio de Janeiro) demonstraram que a idéia inicial era problemática. (IBOPE, 1970a) Focar o MAU e os novos nomes não foi o suficiente para garantir uma espetacular audiência como os demais

² A cantora Elis Regina, que em 1967 liderou a passeata “contra a guitarra”, em 1970, buscava reformular a sua carreira, adotando um repertório que incluía canções de Caetano Veloso e Tim Maia, inclusive gravando a canção “*Perdão, não têm*” de autoria de Pelé, em dueto com o próprio jogador. Em entrevista a revista Veja, Elis Regina declarou: “Tenho uma paixão violentíssima pelo Som Livre, que é o responsável pela minha nova atividade artística.” (RECOMEÇA, 1971, p. 44)

programas da emissora. Além disso, segundo RIBEIRO (2002, p. 143-144), o principal patrocinador, a SHELL, sugeriu a contratação de Elis Regina como apresentadora fixa ao lado de Ivan Lins e a escalção de astros da música brasileira como Wilson Simonal e Roberto Carlos.

No início de 1971, a Rede Globo e a CBD (Companhia Brasileira de Discos) passam a dar uma maior atenção a Ivan Lins em relação aos outros membros do MAU. A CBD distribuiu 3.000 folhetos à imprensa, preparando-a para o lançamento do primeiro Lp de Ivan Lins, “*Agora*” (Forma, 1971), que chegou ao primeiro lugar no IBOPE (1971b), atingindo a marca de 70.000 cópias vendidas. (RECOMEÇA, 1971, p. 43). Contudo, o seu êxito comercial não foi acompanhado pela aclamação da crítica e muito menos pelo sucesso comercial do MAU. Era visível a diferença entre o caminho traçado por Ivan Lins, que se tornou a imagem do programa, e dos outros membros do movimento. (AGORA, 1971, p. 63) Ivan Lins tornou-se alvo dos críticos, que o acusavam de “produtor musical de massa”. Ivan Lins chegou a admitir que estava sujeito a certas pressões comerciais, mas prometia “apresentar trabalhos em termos culturais mais elevados.” (SOMBRA, 1971c, p. 21)

O que parece evidente é que a produção de Ivan Lins se adaptou perfeitamente ao formato da televisão, principalmente para as telenovelas. Antes mesmo da final do *V FIC*, “*Madalena*”, (Ronaldo Monteiro de Souza e Ivan Lins) interpretada por Elis Regina, começava a despontar nas rádios, amparada pela sua inclusão na telenovela “*A Próxima Atração*”, que tinha como canção-tema homônima, outra composição de Ivan Lins. No início de 1971, o compositor possuía 4 temas incluídos em telenovelas. A revista *Veja* apontou as características que tornavam o trabalho de Ivan Lins extremamente assimilável: o estilo cantado/gritado do *Soul*, gênero muito em voga em 1970 e os arranjos de Artur Verocai que lembram um pouco os de Burt Bacharach e de Sergio Mendes. (AGORA, 1971, p. 63)

Com a introdução de suas composições nas novelas globais e com o comando do programa “*Som Livre Exportação*”, Ivan Lins tornou-se um músico calcado na televisão, “comercial” e “adesista”, para uma parcela da imprensa e do público universitário. Neste momento, “o apreço teve o seu preço”. Em fevereiro, a atração atinge bons índices de audiência, mas depois de constantes modificações. O MAU se apresentava em grupo no programa, porém, quando foram renovados os contratos, somente Ivan Lins, César Costa Filho e Gonzaguinha foram mantidos. Com isso, o desaparecimento do MAU era previsível.

No final de fevereiro, Ivan Lins anunciou a sua saída do MAU. Além de alegar falta de tempo, Ivan Lins justifica a sua saída através de críticas ao posicionamento do MAU em relação ao repertório e ao sucesso comercial.

Foi melhor para eles também, pois sem minha presença, eles aparecerão mais. Quando estamos juntos, meu sucesso quase sempre os deixava passar despercebido. Paralelamente, perdi contratos e chances de ganhar mais, só para ficarmos unidos, pensando que isto ajudaria a todos.(...) O jeito é mudar, pois da maneira como eles estão trabalhando, o negócio já era. Um desconhecido cantando música desconhecida de um compositor desconhecido que ninguém sabe quem é, acaba não dando pé. (SILVA, 1971, p. 27.)

Logo após a saída de Ivan Lins, Aldir Blanc e César Costa Filho anunciam também a sua retirada. A declaração de Aldir Blanc mostrou claramente que o “apreço teve o seu preço”.

Ivã queria transformar. Fazer música de consumo. Por isso consideramos benéfica a sua saída. Ivã não compreende que a proposta era fazer música para a faixa universitária. É verdade que consumo é vital, porém, música consumível, sem ceder às leis de consumo.(...) O Ivã escolheu a faixa de consumo fácil e o MAU preferiu ficar no meio termo. Não quero fazer média. Continuo como parceiro de César, do Silvio e atualmente, João Bosco, um compositor lá de Ouro Preto. (SOMBRA, 1971b, p. 37)

A Rede Globo, ao capitalizar o movimento MAU, revelado através dos festivais, acabou por focar o elemento que melhor se adaptava à produção de massa e aos padrões televisivos. Ivan Lins, que não produzia uma música engajada no período, se tornou o elemento do MAU mais “acessível” ao grande público, diferentemente de Aldir Blanc e Gonzaguinha, cuja produção possuía menor apelo comercial. Gonzaguinha chegou a afirmar que a sua “imagem de antipatia não permitia que as pessoas tentassem o cooptar.” (MILLARCH, 1991, p. 16)

O “*Som Livre Exportação*” foi cancelado em agosto de 1971, após o rompimento do contrato entre a emissora e Ivan Lins. A superexposição na mídia desgastou ainda mais a imagem do compositor, reforçando a “pecha” de músico “comercial e adesista”. Em 1974, Ivan Lins redirecionou a sua carreira através do sucesso “*Abre Alas*”, uma canção de conteúdo contestador, feita em parceria com o letrista Vitor Martins. Explicando a sua participação na Globo e a dissolução do MAU, Ivan Lins não rebate as críticas que sofreu: “Eu era um garotão de classe média, alienado em tudo e me deslumbrei com a televisão.(...)A máquina engoliu a gente. Eu principalmente. E bem que o Aldir (Blanc) nos avisou.” (IVAN LINS, 1977, s.p.)

Desta forma, nota-se que o MAU, foi apresentado através dos festivais, um elemento de sondagem da indústria fonográfica, e capitalizado pela TV Globo. A televisão, como uma “janela do mundo”, divulgou tal movimento artístico, no entanto, de acordo com a sua racionalidade pragmática, focou os elementos mais acessíveis, buscando promover mais um ciclo mercadológico.

Referências bibliográficas:

- AGORA. **Veja**, São Paulo: Abril, s/n, p. 63, 10 fev. 1971.
- DIAS, M. *Primeira banda de Ivan Lins só tinha salva-vidas*. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 06 dez. 1997.
- FRITH, S. *Look! Hear! The uneasy relationship of music and television*. In: **Popular Music**. Volume 21/3. London:Cambridge University Press, 2002. p. 277-290.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA (IBOPE). **Boletins de assistência de televisão**. Relatório semanal de assistência da TV, Rio de Janeiro, 1970 - 1976. AEL, Unicamp.
- _____. **Pesquisa de Vendas de discos**. Relatório semanal sobre vendas de discos, Rio de Janeiro, 1970 - 1976. AEL, Unicamp.
- IVAN LINS volta a Porto Alegre agora para mostrar novos rumos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 09 jul. 1977.
- MILLARCH, A. *Gonzaguinha: uma biografia*. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 30 abr. 1991, p. 16.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: Necrose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997
- NAPOLITANO, M. **Seguindo a canção**. São Paulo: Annablume, 2001.
- PETTERSON, A. P.; BERGER, D.G. *Cycles in Symbol Production. The case of popular music*. In: FRITH, S.; GOODWIN, A. (Orgs.) **On record**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1990.
- RECOMEÇA a corrida para o ouro. **Veja**, São Paulo: Abril, s/n, p. 40 - 45, 10 mar. 1971.
- RIBEIRO, S. **Prepare o seu coração**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- SILVA, A. C. O MAU já era. **Amiga**, São Paulo: Bloch, nº 42, p. 27, 02 mar. 1971.
- SOMBRA, J. L. *Ivã Lins, Gonzaguinha, entre outros dão a dica: o MAU vai bem*. **Amiga**, São Paulo: Bloch, nº. 28, p. 18, 01 dez. 1970.
- _____. *Alguém acredita no MAU? César Costa Filho sai do MAU*. **Amiga**, São Paulo: Bloch, nº. 49, p. 37, 29 abr. 1971.
- _____. *O sucesso me deixa grilado*. **Amiga**, São Paulo: Bloch, nº. 36, p. 21, 16 jan. 1971.
- TEMPLO de todos os sons. **Veja**, São Paulo: Abril, s/n, p. 56 - 57, 23 dez. 1970.
- VASCONCELLOS, G. **Música Popular: de olho na fresta**. Rio de Janeiro: Ed. Graad, 1977.